

OS DESAFIOS DA PASTORAL URBANA

A cidade moderna está aí como desafio incontornável ao Evangelho de Jesus e à Igreja como sua anunciadora. Vista freqüentemente como lugar da decomposição moral e humana da vida, na sua realidade de convívio e na vivência dos valores, suscita as mais diversas reações. Não deixa intacta nenhuma mensagem que se apóie sobretudo sobre o poder, a tradição, as clássicas instituições sociológicas da inculcação educativa.

Paradoxalmente, ela é portadora de muitos valores humanos, ainda que formulados diferentemente das expressões religiosas tradicionais. É também o lugar da realização de valores do Reino, tais como o espaço maior para a liberdade, para as decisões, para a autonomia, para a busca justa da auto-realização e da felicidade. Nesse jogo dual, a cidade não é nem anjo nem demônio.

Constitui-se sim, nos nossos dias, um dos nós fundamentais da crise da Igreja. Não é qualquer cidade, mas a moderna. Pois o Cristianismo desde seu berço conheceu o contacto com a cidade. Paulo, o grande missionário urbano do início do Cristianismo, partiu confiante, com a experiência de Cristo ressuscitado, confrontada com os apóstolos, para enfrentar Antioquia, a terceira maior cidade do Império Romano com suas centenas de milhares de habitantes, Tessalônica, a maior e mais importante cidade da Macedônia, Corinto, a segunda maior cidade da Grécia, para terminar sua vida testemunhando com o sangue do martírio em Roma, capital e coração do Império. Por mais iluminador que seja o exemplo de Paulo, a nossa cidade de hoje distancia-se anos-luz dos núcleos urbanos daquela época.

Vivemos numa modernidade avançada e informatizada, em que a cidade, em poucos anos, mostra caras sempre diferentes. E aí talvez esteja o drama de nossa pastoral. Aproximamo-nos da cidade moderna com o "imaginário de Cristandade", que apesar de ter recebido há mais de quatro séculos o atestado de óbito, ainda vive no interior de muitos agentes de pastoral e configura inúmeras estruturas eclesiais.

Essa mentalidade de Cristandade tem aflorado sobretudo diante de fatos típicos da modernidade avançada. As instâncias civis e leigas assumem responsabilidades próprias e as pessoas decidem segundo critérios subjetivos, rejeitando toda tutela extrínseca da Igreja. Difícil para a Igreja distinguir o falar profético em nome do Evangelho, que é Boa Nova de vida, e a tutela moralizante da sociedade, como o fizera durante mais de um milênio. Mais difícil ainda, não sucumbir-se ao desejo de um projeto evangelizador massificante, a modo de rolo compressor, para encher de novo suas igrejas ao invés de acreditar na força vitalizante do Evangelho, na presença atuante do Espírito.

Há espaço na cidade moderna pluralista para gritos e posições fortes e corajosas de uma Igreja convencida de sua vocação missionária de anunciar à humanidade o Desígnio Salvador de Deus, o caminho da verdadeira felicidade, os meandros maravilhosos da graça no coração dos homens e mulheres. Mas esta mesma cidade rejeita com repulsa toda instância que se arvore em tutora de menores de idade, descendo aos "por-menores" de uma moral, antes que as pessoas compreendam e acolham o cerne mesmo da notícia alvissareira da salvação em Cristo.

O pluralismo religioso, aguçado em nosso país pelo crescimento vertiginoso das igrejas pentecostais autônomas, tem abalado o "imaginário de Cristandade" e provocado reações de reconquista das "almas desviadas". E, na verdade, o questionamento da cidade, visitada por tantas formas religiosas, deve conduzir-nos a outras reflexões mais consistentes, que envolvam tanto uma intelecção mais profunda do Evangelho quanto uma revisão de estruturas eclesiais que já não respondem às novas condições urbanas.

O modelo triunfante, sobretudo da Igreja Universal do Reino de Deus, torna-se acicate e tentação para a pastoral católica. Acicate no sentido de denunciar debilidades pastorais de nossa Igreja, ao vermos nela uma melhor acolhida de seus fiéis, uma maior criatividade ministerial, uma maior sensibilidade à cultura popular, uma perspicácia mais estratégica da localização da presença. Tentação no sentido de lançar a pastoral cristã na perigosa mentalidade da concorrência, da busca arrebanhadora das massas a qualquer preço, da mercantilização do produto religioso, da facilidade carismática do emotivo.

A vantagem das crises sísmicas consiste em obrigar-nos a voltar à experiência primigênia do Cristianismo, a aí reencontrar as fontes cristalinas do início privilegiado da experiência da Comunidade Primitiva e só então enfrentar com ousadia a necessária "atualização interpretativa", o aprofundamento da fidelidade criativa.

Em primeira linha, impõe-se auscultar o coração mesmo da mensagem cristã, que é anunciar Jesus Cristo como Boa Nova para a humanidade. O

Jesus de Nazaré, que foi totalmente-para-o-outro, que se deu até a morte por amor, que anunciou o perdão aos pecadores, que pregou a reconciliação com os inimigos, que escolheu como prediletos os pobres e marginalizados, e, nisso, revelou o coração mesmo de Deus Pai, não terminou seus dias no nada, mas foi ressuscitado pelo mesmo Pai, vive junto d'Ele e no nosso meio. Esse anúncio fantástico da vitória da vida sobre a morte, da predileção de Deus pelo menor, da sua paixão pelos seres humanos, de seu infinito carinho pelas crianças, significa verdadeira revolução numa cidade moderna de violências, de "apartheid" social, de milhares de menores carentes e lançados na rua, de gigantescas favelas, de uma crescente degradação da vida humana.

A cidade moderna desafia, em segundo momento, as estruturas eclesásticas, sobretudo a paróquia e a forma atual dos ministérios ordenados. Não se pode silenciar mais a dolorosa contradição entre a impossibilidade e a obrigação de oferecer aos cristãos o maior presente que Jesus nos deixou, a Eucaristia, por causa da atual vinculação cogente entre a sua celebração e o ministério ordenado nos moldes tradicionais.

Os caminhos da pastoral vocacional e do crescimento de ordenações sacerdotais certamente nunca resolverão o problema num país em que 70% das celebrações dominicais não são eucarísticas, não por culpa e falta de vontade do povo, mas por simples carência de ministros ordenados. Tanto mais grave se faz a situação quanto a tendência da cidade moderna não se orienta na linha de celebrações massivas freqüentes, mas, de alternância, entre celebrações em pequenos grupos de vivência sacramental de fé e celebrações maiores mais raras. Para ambas, o ministério ordenado se faz necessário, muito mais numeroso e diferenciado.

Além do mais, nas cidades modernas o ritmo semanal coroado pelo descanso religioso do domingo cede lugar a outra concepção de trabalho e lazer, de dia útil e domingo. O domingo-lazer deixa de ser uma simples interrupção do trabalho, consagrada ao culto. Acoplou-se ao sábado criando o fim-de-semana autônomo e todo dedicado ao descanso, freqüentemente fora do lugar paroquial de moradia. O caráter "santificado" do domingo esvaneceu-se diante da necessidade e do ethos de lazer numa vida extremamente agitada e esgotante. E, para muitos que trabalham à base de escala e rodízio, o dia livre semanal varia cada semana de modo que o domingo se confunde com um dos dias de trabalho. Por isso, a celebração dominical torna-se cada vez mais problemática como o encontro da comunidade "no dia do Senhor".

A cidade moderna já não gira tanto em torno dos espaços, mas fundamentalmente dos interesses. As possibilidades de locomoção, a psicologia de minorias, a defesa da privacidade, a busca de momentos de relação interpessoal fora do risco de uma vizinhança incômoda têm gerado nas pessoas a criação de inúmeros grupos de vivência, de encontro nos diferentes campos da vida humana. A experiência religiosa, a vida sacramental tenderão, na cidade moder-

na, a buscar realizar-se, com maior frequência, em pequenos grupos de vida. Ficará reservado para momentos mais raros as celebrações maiores que darão o parâmetro de pertença e de unidade da Igreja.

A fé cristã é eclesial. Ela nasce e conduz à comunidade. No campo, na cidade tricêntrica, a comunidade expressava-se pela simbologia física da Matriz plantada no alto da praça e pela congregação dos fiéis nas grandes celebrações. Não se trata de abandonar essa forma lá onde ela ainda significa vida, exprime fé, realiza o coração eclesial da fé.

Cabe, sim, uma inventiva pastoral de novas formas comunitárias onde e para as pessoas que já apenas conseguem sentir-se comunidade numa massiva celebração, sobretudo se esta é a única forma visível de expressão comunitária. Santo Domingo aponta o caminho de transformar uma paróquia em rede de comunidades. A intuição parece rica. Contudo, na cidade muitas comunidades criam-se com frequência fora dos espaços paroquiais. E portanto articular uma paróquia em comunidades não responde ainda à característica urbana moderna.

Fundamentalmente o desafio da cidade vai mais na linha da pluralidade de formas do que da simples substituição. As nossas cidades brasileiras conjugam simultaneamente comportamentos e mentalidades ligados a diferentes momentos culturais: rurais, modernos industriais e modernos avançados informatizados. A pastoral criativa e inteligente desenvolverá, ao mesmo tempo, estruturas que respondam a essas demandas diferenciadas, não reduzindo o Cristianismo a simples minoria de iniciados nem a um rebanho inconsciente e manipulado. As tendências vão anunciando onde depositar maior atenção e ênfase. E tudo leva a crer que o futuro aponta mais para pequenas comunidades criadas em torno do pólo-tema, pólo-interesse, pólo-necessidade, pólo-pessoa com maior consciência e decisão e não tanto circunscritas às linhas dos limites geográficos.

Mais. Pode-nos enganar o sucesso atual de certos movimentos que funcionam mais por comandos à longa distância que pela captação da verdadeira necessidade de uma vida cristã. Pode ser um atalho traiçoeiro que nos poupe, no momento, o trabalho capilar de construir pequenas comunidades de vida, onde a linfa da fé, a vivência sacramental e a prática do compromisso de caridade com os mais necessitados se articulam em integrada harmonia. Mas amanhã sofreremos do déficit enorme da falta de investimento nestas comunidades.

O contraste entre propostas massificantes de evangelização e a confiança na força do Espírito de Deus, que convoca as pessoas a amarem-se, a reunirem-se, permitir-nos-á reencontrar a nossa vocação missionária em novos moldes. A força da missão está no esplendor cativante do Evangelho e não no aguerir-se nos movimentos organizados com ressaibos tradicionais.

O caminhar da cidade na modernidade avançada distancia-se cada vez mais do horizonte e do imaginário medieval de cristandade. Enquanto tal fato não for compreendido em suas últimas conseqüências, estaremos tratando a pastoral urbana com analgésicos superficiais, quando a infecção se alastra pelos tecidos interiores do organismo.

As instituições maiores tornam-se mais vulneráveis ao embate das transformações impostas pela cidade. Quanto maior for a força das ondas das mudanças, tanto mais ela é sacudida nas suas bases. A Igreja participa da fragilidade de toda instituição humana, mas acredita que sua última consistência lhe vem da promessa da presença do Espírito em seu seio e que é capaz de responder às exigências pastorais das cidades.

Esse mistério último de ser um corpo social, sujeito a todas as conjunturas da vida humana, de um lado, e, de outro, na fé e no temor, de saber que o Divino não a abandonará nunca, constitui o seu drama histórico.

Toda vez que uma realidade se estrutura a partir de pólos em tensão, corre o risco de fixar-se num deles e esquecer a antítese crítica. A confiança na presença de Cristo ressuscitado na Igreja não lhe dispensa, de modo algum, o esforço e a lucidez de enfrentar as novidades e exigências das cidades modernas. O medo da avalanche dos fatos não deve conduzir ao pessimismo da impotência total. Entre perspicácia crítica e confiança no Espírito situa-se a nossa missão de cristãos que prolongamos na história o Corpo de Cristo.

Ao encerrarmos este editorial, chegava-nos a dolorosa notícia da morte do teólogo uruguaio Juan Luis Segundo (+ 17 de janeiro de 1996). Melhor memória e tributo a sua pessoa não faremos que dedicar-nos com coragem e denodo à tarefa que o acompanhou ao longo de sua vida de peregrino da inteligência teológica latino-americana e mundial. Homem fascinado pela força sedutora do Cristianismo, mas desconfiado da forma fácil da massificação populista. Só um Cristianismo carregado da sua força primigênia, de um lado, e uma Igreja livre de tantas peias pesadas e arcaicas, com a juventude renovada da esperança, por outro, terá condições de ir respondendo, às apalpadelas, aos inúmeros desafios da cidade moderna em contínuas transformações.

Que a profundidade, coragem, tenacidade teológicas de Juan Luis Segundo continuem guiando-nos nesse trabalho responsável e exigente de pensar a fé cristã, a Igreja, em vista da humanidade de hoje, sempre mais urbanizada, pluralista, sequiosa da água refrescante de uma Transcendência de vida!